

“Ousado, satisfação completa; um romance único, triunfo da arte de contar histórias.” — JAMES PATTERSON

A INQUILINA SILENCIOSA



CLÉMENCE MICHALLON



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CLÉMENCE MICHALLON

A INQUILINA SILENCIOSA

Tradução:

Flávia Souto Maior



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Clémence Michallon, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Flávia Souto Maior, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Quiet Tenant*

Preparação: Elisa Martins
Revisão: Bárbara Parente e Bruna Del Valle
Projeto gráfico e diagramação: Anna Yue
Capa: Angelo Bottino e Fernanda Mello
Imagem de capa: Enzo Viturat / Pexels

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Michallon, Clémence
A inquilina silenciosa / Clémence Michallon; tradução de Flávia Souto
Maior. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
304 p.

ISBN 978-85-422-2283-8
Título original: *The Quiet Tenant*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Maior, Flávia Souto
23-3330

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A MULHER NO GALPÃO

Você gosta de pensar que toda mulher tem um, e calhou de ele ser o seu.

É mais fácil assim. Ninguém é livre. Não há espaço no seu mundo para quem ainda está lá fora. Não há amor pelo vento no cabelo nem paciência para o sol sobre a pele.

Ele vem à noite. Destranca a porta. Arrasta as botas por um rastro de folhas secas. Fecha a porta ao entrar, desliza o ferrolho para o lugar.

Este homem: jovem, forte, arrumado. Você se lembra do dia em que o conheceu, daquele breve momento antes de ele revelar sua verdadeira natureza, e eis o que vê: um homem que conhece seus vizinhos. Que sempre leva o lixo reciclável para fora a tempo. Que ficou na sala de parto no dia em que sua filha nasceu, uma presença constante contra os males do mundo. Mães o veem na fila do mercado e empurram os bebês em seus braços: *Pode segurar ela um minutinho? Esqueci o leite em pó, volto já.*

E agora ele está aqui. Agora ele é seu.

Há uma ordem no que você faz.

Ele olha para você, um olhar que serve de inventário. Você está aqui. Com seus dois braços, duas pernas, um tronco e uma cabeça.

Depois vem um suspiro. Um relaxamento dos músculos, das costas conforme ele se acomoda no momento que compartilham. Ele se curva para ajustar o aquecedor elétrico ou o ventilador, dependendo da estação.

Você estende a mão e recebe um pote. O vapor sobe da lasanha, da torta de carne, do macarrão com atum, o que quer que seja. A comida pelando deixa bolhas no céu da sua boca.

Ele te entrega água. Nunca em um copo. Sempre em um cantil. Nada que possa ser quebrado e afiado. O líquido frio dá choques em seus dentes. Mas você

bebe, porque a hora de beber é agora. Um sabor metálico permanece em sua boca depois.

Ele te entrega o balde e você faz o que tem que fazer. Já deixou de sentir vergonha há muito tempo.

Ele leva seus dejetos e sai por mais ou menos um minuto. Você o escuta lá fora, o som das botas pisando no chão, o jato da mangueira. Quando ele volta, o balde está limpo, cheio de água com sabão.

Ele observa enquanto você se lava. Na hierarquia de seu corpo, você é a inquilina e ele é o proprietário. Ele te entrega suas ferramentas: uma barra de sabão, um pente de plástico, uma escova de dente, um tubo pequeno de creme dental. Uma vez por mês, o xampu antiopiolhos. Seu corpo: sempre criando problemas, e ele mantendo-os sob controle. A cada três semanas, ele tira o cortador de unhas do bolso de trás. Espera até você voltar a ficar apresentável, depois o pega de volta. Toda vez ele o pega de volta. Você faz isso há anos.

Você volta a vestir as roupas. Parece inútil, considerando o que vem a seguir, mas é o que ele decidiu. Não funciona, você pensa, se fizer você mesma. Tem que ser ele a descer o zíper, abrir os botões, retirar as camadas.

A geografia da pele dele: coisas que você não queria saber, mas aprendeu mesmo assim. Uma pinta no ombro. Os pelos que descem pelo abdômen. As mãos: a firmeza dos dedos. A pressão quente da palma sobre seu pescoço.

Até o fim, ele nunca olha para você. Não tem a ver com você. Tem a ver com todas as mulheres e todas as meninas. Tem a ver com ele e todas as coisas que fervilham dentro da cabeça dele.

Quando termina, ele nunca se demora. É um homem no mundo, com responsabilidades que o chamam. Uma família, um lar para administrar. Lição de casa para conferir. Filmes para assistir. Uma esposa para manter feliz e uma filha para embalar. Há itens na lista de afazeres dele além de você e de sua pequena existência, todos exigindo serem riscados.

Menos esta noite.

Esta noite, tudo muda.

Esta noite é a noite em que você vê este homem – este homem muito cuidadoso, conhecido por dar apenas passos calculados – violar as próprias regras.

Ele se levanta, mãos espalmadas no piso de madeira. Os dedos, por milagre, estão livres de farpas. Ele ajeita a fivela do cinto sob o umbigo, empurra o metal contra a pele firme da barriga.

— Ouça — ele diz.

Algo se aguça, a parte mais essencial de você prestando atenção.

— Você está aqui há bastante tempo.

Você analisa o rosto dele. Nada. É um homem de poucas palavras, de expressões faciais mudas.

— O que está querendo dizer? — você pergunta.

Ele veste o casaco e puxa o zíper até o queixo.

— Preciso me mudar — ele diz.

Mais uma vez, você precisa perguntar:

— O quê?

Uma veia pulsa na base da testa dele. Você o irritou.

— Para uma casa nova.

— Por quê?

Ele franze a testa. Abre a boca como se fosse falar alguma coisa, depois pensa melhor.

Esta noite não.

Você garante que o olhar dele cruze com o seu quando ele sai. Quer que ele absorva sua confusão, todas as perguntas deixadas sem resposta. Você quer que ele sinta a satisfação de te deixar na mão.

Regra número um para permanecer viva no galpão: ele sempre vence. Durante cinco anos, você se certificou disso.

2

EMILY

Não faço a mínima ideia se Aidan Thomas sabe meu nome. Eu não ficaria brava se não soubesse. Ele tem coisas mais importantes para lembrar do que o nome da garota que lhe serve Cherry Coke duas vezes por semana.

Aidan Thomas não bebe. Nada alcoólico. Um homem bonito que não bebe poderia ser um problema para uma bartender, mas minha linguagem do amor não é a bebida; são as pessoas sentando-se diante do balcão e se colocando aos meus cuidados por uma ou duas horas.

Não é uma linguagem que Aidan Thomas fala fluentemente. Ele é como um cervo no acostamento da estrada, completamente imóvel até você passar com o carro, pronto para correr se você demonstrar muito interesse. Então eu o deixo vir até a mim. Às terças e quintas. Em um mar de clientes regulares, ele é o único que quero ver.

Hoje é terça-feira.

Às sete horas, começo a olhar para a porta. Um olho procura por ele e o outro se volta para a cozinha – para minha garçonete, meu *sommelier*, meu chefe de cozinha, que é um completo idiota. Minhas mãos se movimentam no piloto automático. Um sidecar, um refrigerante, um uísque com Coca. A porta se abre. Não é ele. É a moça da mesa com quatro pessoas que teve que trocar o carro de lugar. Um *bitter* e água com gás. Mais um canudo para a criança sentada nos fundos. Um recado da garçonete: a moça da mesa com quatro não gostou da massa. Estava fria ou não estava muito condimentada. As reclamações não são muito claras, mas elas existem, e Cora não vai perder a gorjeta porque a cozinha não sabe usar a estufa. Tranquilizo Cora. Digo a ela para pedir para os cozinheiros refazerem a massa, com um acompanhamento qualquer grátis como pedido de desculpas. Ou para

pedir para Sophie, nossa confeitadeira, mandar uma sobremesa se a moça tiver cara de quem gosta de doces. O que for preciso para que se cale.

O restaurante é um buraco negro de necessidades, um monstro que nunca pode ser saciado. Meu pai nunca me perguntou; ele simplesmente supôs que eu fosse assumir. E daí ele foi lá e morreu, porque é isso que os chefes de cozinha fazem – existem em um borrão de calor e caos e te deixam sozinha para recolher os pedacinhos.

Aperto as têmporas com dois dedos, tentando afastar o horror. Talvez seja o clima – é a primeira semana de outubro, ainda início do outono, mas os dias estão ficando mais curtos, o ar é mais frio. Talvez seja alguma outra coisa. Mas a sensação que tenho é de que esta noite todos os fracassos são especialmente meus.

A porta se abre.

É ele.

Algo se ilumina dentro de mim. Uma alegria borbulha, do tipo que faz eu me sentir pequena, um pouquinho suja e possivelmente meio burra, mas é a sensação mais agradável que o restaurante tem a oferecer, e eu vou aceitá-la.

Aidan Thomas senta-se ao balcão do bar em silêncio. Ele e eu não conversamos, à exceção dos gracejos de sempre. É uma dança e nós sabemos os passos de cor. Copo, cubos de gelo, máquina de refrigerante, descanso de copo de papel. *Amandine* escrito em caligrafia vintage sobre o papelão. Uma Cherry Coke. Um homem satisfeito.

— Obrigado.

Abro um sorriso rápido e mantenho as mãos ocupadas. Entre uma tarefa e outra – lavar a coqueteleira, organizar vidros de azeitona e fatias de limão –, dou umas olhadas para ele. Como um poema que sei de cabeça, mas nunca me canso de recitar: olhos azuis, cabelo loiro-escuro, barba aparada. Linhas de expressão sob os olhos, porque ele viveu, amou e perdeu. E então, as mãos: uma apoiada sobre o balcão, a outra ao redor do copo. Firmes. Fortes. Mãos que contam uma história.

— Emily.

Cora está debruçada sobre o bar.

— O que foi agora?

— Nick está dizendo que temos que parar de servir o contrafilé.

Reprimos um suspiro. Os chiliques de Nick não são culpa de Cora.

— E por que teríamos que fazer isso?

— Ele disse que o corte não está certo, e os tempos de cozimento não estão batendo.

Tiro os olhos de Aidan e fico de frente para Cora.

— Não estou dizendo que ele está certo — ela diz. — Ele só... me pediu para te dizer isso.

Em qualquer outra ocasião, eu sairia do bar para conversar com Nick pessoalmente. Mas ele não tiraria aquele momento de mim.

— Diga a ele que o recado foi recebido.

Cora fica esperando o restante. Ela sabe tão bem quanto eu que dizer que “o recado foi recebido” não vai tirar Nick do pé de ninguém.

— Diga que se alguém reclamar do contrafilé, eu mesma resolvo. Prometo. Eu assumo toda a culpa. O *contrafilégate* vai ser meu legado. Diga que a comida está sendo muito elogiada hoje. E diga também que ele deveria se preocupar menos com o contrafilé e mais com o que sai de sua estação, se o pessoal está liberando comida fria.

Cora levanta as mãos, como se dissesse *Tudo bem, tudo bem*. Ela segue na direção da cozinha.

Dessa vez, eu me permito suspirar. Estou prestes a voltar minha atenção para algumas taças de martíni que precisam ser polidas, quando sinto um olhar sobre mim.

Aidan.

Ele levantou os olhos do balcão, dando um meio sorriso.

— *Contrafilégate*, é?

Merda. Ele ouviu.

Obriguei-me a rir.

— Desculpe por isso.

Ele balança a cabeça, toma um gole da Cherry Coke.

— Não precisa se desculpar — ele diz.

Retribuo o sorriso e me concentro nas taças de martíni, dessa vez para valer.

De canto de olho, vejo Aidan terminar de beber o refrigerante. Nossa coreografia recomeça: um inclinar de cabeça para pedir a conta. A mão erguida rapidamente para se despedir.

E, num piscar de olhos, a melhor parte do meu dia terminou.

Recolho a notinha de Aidan – uma gorjeta de dois dólares, como sempre – e o copo vazio. Só quando vou limpar o balcão que percebo: um entrave, uma mudança em nosso *pas de deux* tão bem ensaiado.

O descanso de copo. O descanso de papel que coloquei sob a bebida dele. Agora seria a hora em que eu o jogaria no lixo reciclável, mas não consigo encontrá-lo.

Talvez tivesse caído? Dou a volta no balcão, olho para o pé da banquetta em que ele estava sentado há poucos minutos. Nada.

É muito estranho, mas inegável. O descanso de copo sumiu.

A MULHER NO GALPÃO

Ele te trouxe até aqui.

A casa dele se revelou para você em flashes, vislumbres rápidos quando ele não estava olhando. No decorrer dos anos, você repassou essas imagens, apegou-se a cada detalhe: a casa no centro de um terreno. Grama verde, salgueiros. Todas as plantas podadas, todas as folhas bem-cuidadas. Construções menores espalhadas pela propriedade como bolinhos em uma bandeja. Uma garagem separada, um celeiro, um suporte para bicicleta. Fios de alta tensão serpenteando entre galhos. Esse homem, você soube, vivia em um lugar calmo e belo. Um lugar para crianças correrem, para flores nascerem.

Ele caminhava rápido, descendo um trecho de terra e subindo uma colina. A casa desaparecia ao longe, substituída por uma série de árvores. Ele parou. Não havia onde se agarrar, ninguém para chamar. Você ficou em frente a um galpão. Quatro paredes de cor cinza, teto inclinado. Sem janelas. Ele segurava um cadeado metálico, separou uma chave do restante do molho.

Lá dentro, ele te ensinou as novas regras do mundo.

— Seu nome — ele disse. Estava ajoelhado, mas ainda assim ficava mais alto que você, uma mão de cada lado do seu rosto, de modo que sua visão começava e terminava com os dedos dele. — Seu nome é Rachel.

Seu nome não era Rachel. Ele sabia seu nome verdadeiro. Tinha visto em sua carteira de motorista depois de tomar sua carteira.

Mas ele disse que seu nome era Rachel, e isso foi vital para você aceitar esse fato. O modo como ele disse, o *r* gutural e o caráter definitivo do *l*. Rachel era uma folha em branco. Rachel não tinha um passado para o qual voltar. Rachel poderia sobreviver em um galpão.